

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

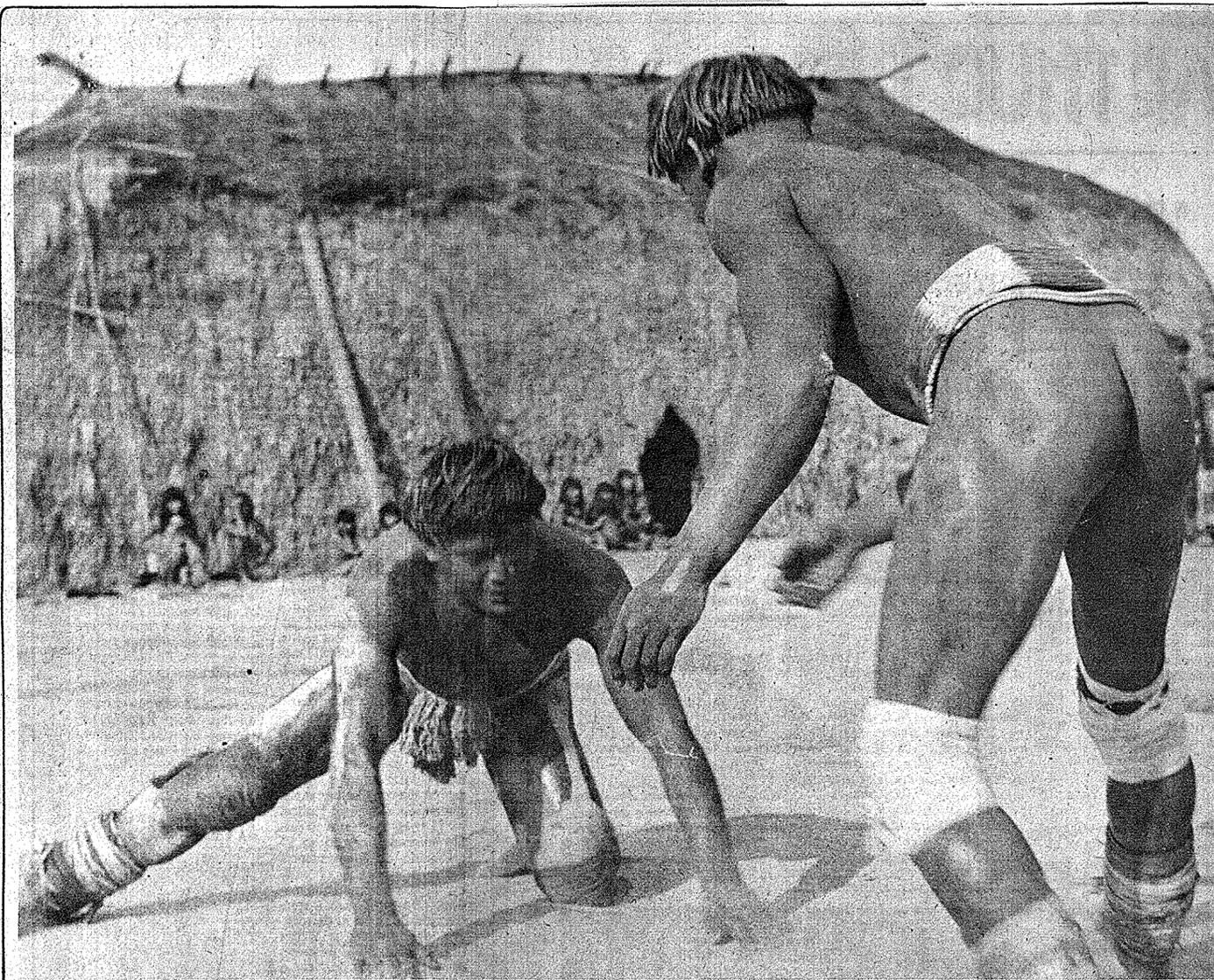
Fonte *O Popular*

Class.: C1R00013

Data 18 de julho de 1976

Pg.: _____

Novos conflitos voltaram a agitar a tentativa de se integrar o índio à sociedade nacional. A questão fundamental é a terra dos índios, cada vez mais ocupada por fazendeiros e posseiros, que desrespeitam os limites das reservas indígenas, provocando atritos que somente nesses dias causaram, pelo menos, cinco mortes, em Goiás e Mato Grosso. O índio brasileiro exterminado ao longo do processo civilizatório do Brasil repete agora, dramaticamente, o esforço de uma minoria étnica que quer apenas sobreviver e resistir ao impacto do progresso, sem perder os seus valores e padrões culturais. Nesse jogo, muitos são os porta-vozes dos interesses dos índios. As duas entidades mais diretamente envolvidas na problemática indígena — FUNAI e Conselho Indigenista Missionário — divergem em suas orientações, cada um querendo defender o índio a seu modo. Uma coisa, apenas, é certa: o Estatuto do Índio diz que “cabe aos índios a posse permanente das terras que habitam e o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes”



O índio quer preservar os seus valores culturais

A TERRA É

Texto de Damião Rodrigues Fotos: Arquivo de O Popular



O pequeno cinta-larga perplexo com a chama do progresso

O lento processo de demarcação das terras indígenas talvez seja o principal responsável pelo recrudescimento dos conflitos entre brancos e índios, principalmente em Goiás e Mato Grosso, onde a violência deixou um saldo de quatro mortos entre brancos e índios. Enquanto em Goiânia o Conselho Indigenista Missionário reúne-se para examinar a problemática indígena, em Meruri, Mato Grosso, um fazendeiro invade a reserva dos índios bororos e mata a sangue-frio o padre Rodolfo Lubbenheim, que tentava apaziguar os ânimos entre fazendeiros, posseiros e índios.

Esses dois conflitos refletem dramaticamente que a questão indígena tem no fator terra um dos seus pontos mais controversos, mesmo porque as frentes pioneiras de penetração sempre chegaram à frente da política indigenista voltada para a demarcação das terras pertencentes aos índios.

Para situar bem o problema, é conveniente tomar uma frase do cacique sioux dos Estados Unidos, Touro Sentado, inserida no livro *Enterrem meu coração na curva do rio*: “Os brancos nos fizeram muitas promessas nunca as cumpriram, menos uma: prometeram tomar nossa terra e a tomaram”. Guardadas as devidas proporções, a situação do índio brasileiro não difere muito daquela do pele-vermelha norte-americano. Aqui também o avanço da sociedade nacional foi e é marcado pela ocupação das terras indígenas, apesar do Estatuto do Índio, aprovado pelo Congresso Nacional, garantir que a terra é vital para a sobrevivência do índio. Para o Conselho Indigenista Missionário, a responsabilidade pelas constantes invasões de terras indígenas cabe à FUNAI, que de acordo com o CIMI age lentamente na demarcação das reservas.

TERRAS

Expedito Arnaud, do Museu Goeldi, de Belém, adverte que o problema das terras dos índios “não deve ser considerado como em vias de solução definitiva, pois ainda existem várias áreas não devidamente legalizadas, que podem ser atingidas em curto prazo por frentes de expansão agropecuária e de mineração ao longo das rotas Transamazônicas. Cuiabá-San-

tarem e Perimetral Norte e ramificações, sobretudo em decorrência do plano de colonização e reforma agrária que está sendo posto em execução pelo INCRA”.

O estudioso cita, por exemplo, que os índios Guajá, no Estado do Maranhão, ainda em fase de atração, estão ameaçados pelas frentes de expansão agrícola e pastoril. Recentemente, o Projeto Radam propôs à FUNAI um convênio para o restituição das reservas indígenas existentes na região amazônica. O Radam se propõe a fazer um levantamento aerofotogramétrico das áreas indígenas, a fim de dar maiores subsídios à política indigenista do Governo.

Na verdade, a delimitação de uma reserva indígena é um trabalho muito difícil, pois como se sabe a área de perambulação do índio na Amazônia é muito ampla, dificultando a fixação dos limites de cada reserva, além de que a localização das aldeias é de difícil acesso.

Acrescente-se a isso o fato de que as terras pertencem ao Estado ou são bens inalienáveis da Nação, embora alguns fazendeiros as ocupem ilegalmente, apoiados em misteriosos ou até mesmo inexistentes títulos de posse. Em 1972, um desses fazendeiros que ocupavam uma reserva xavante em Mato Grosso chegou a armar-se de um canhão de fabricação caseira para expulsar os índios das terras que ele considerava suas. Assim, como se pode ver a integração “lenta e gradativa” do índio à comunidade está sendo muito dolorosa porque as terras pertencentes a eles, muitas vezes, são férteis e por isso mesmo despertam a cobiça dos brancos.

PATAXÓS

Um exemplo de ocupação de terras indígenas pode ser dado pelo que ocorreu com índios pataxós, que concentravam-se nas terras mais férteis do sul da Bahia, uma cobertura vegetal de floresta tropical rica em madeiras nobres como o jacarandá, vinhático, cedro e ipê, entre outras.

Segundo estudo divulgado pela FUNAI, a ocupação branca no sul da Bahia iniciou-se no século XVI, quando da criação da capitania de Ilhéus. Não fugindo aos padrões coloniais e nacionais, foram surgindo pequenos núcleos habitacionais na faixa litorânea. Devido ao

seu isolamento e à dificuldade de comercializar com Salvador, a região manteve-se estagnada até que o desenvolvimento pecuário de Minas Gerais estimulasse o surgimento do comércio na região. Este compunha-se basicamente da troca de produtos do litoral, principalmente o sal, por produtos pecuários, especificamente o boi. As rotas de comércio acompanhavam o curso não só dos grandes rios da região (Mucury, Jequitinhonha, Pardo) mas também dos pequenos cursos. As principais bacias hidrográficas do sul da Bahia caracterizam-se por nascerem em Minas e desaguardarem no litoral baiano.

Estes caminhos, que naturalmente favoreceram o comércio, enfrentavam dificuldades que eram representadas pela grande quantidade de “hordas indígenas”, que instaladas nas matas da região, atacavam a todos que tentavam penetrar na área. Porém, a fundação da Vila de Nossa Senhora de Vitória mais próxima do litoral e que desenvolve uma economia pecuarista, encurta o percurso e estimula os projetos de comércio. Esta Vila vai ser uma etapa decisiva para a dominação dos índios. De acordo com o mesmo estudo, as notícias sobre os grupos indígenas na região são bastante confusas. Inicialmente, por se desconhecer qual o critério adotado para as denominações atribuídas aos colonos e finalmente pela carência de estudos mais detalhados sobre os índios existentes. Alguns desses grupos foram logo dominados e aldeados — Botocudos, Mashacal, Malali, Kamakan e Mongoyó — mas os pataxós continuaram até esse século vagando pelas matas e realizando pequenos ataques às roças dos brancos.

Conforme o estudo, a criação de colônias no sul da Bahia é considerada como fator básico para o desenvolvimento local, naquela época. Os colonos eram em sua maioria estrangeiros, havendo casos, porém, de nortistas que eram deslocados para a região devido a decadência da agricultura canavieira e à pouca fertilidade do solo em oposição às boas oportunidades oferecidas pelas terras do sul. O estudo conclui que estas experiências com colonização estrangeira não deram resultados, contudo, foram responsáveis pelo massacre dos índios.

A fim de garantir mais efetivamente a ocupação do sul da Bahia criou-se, então, um quartel que sava limpar a área de índios. Os colonos se fixaram. Os pataxós, ante um avanço tão violento da sociedade nacional, embrenhar-se-iam nas matas, numa tentativa de sobreviver ao assédio das frentes pioneiras.

A pressão dessas frentes sobre os índios do sul da Bahia deturpou o desaparecimento de muitos grupos. O objetivo da política indigenista posta em prática, em era a de criar mais e mais aldeamentos onde os índios ficassem confinados, pois as frentes consravam o índio como um entrave à ocupação das terras.

De todos os grupos existentes os dos pataxós era o único que conseguiu resistir ao aldeamento vagavam livres pelas matas da região. Entretanto, a simples presença dos colonos provocou alterações ecológicas nos pataxós, e a partir de então, se dedicaram à caça, pesca e ao roubo de roças de mandiocas.

Embora agraciados com a reserva de trinta e seis mil hectares, os pataxós hoje estão restritos a somente três hectares, já que o restante de suas terras está arrendado a seiscentos e quatro fazendeiros. A maioria está em situação irregular por não respeitarem o contrato de arrendamento firmado em 1947.

ATRITOS

Os atritos na região são constantes. Os índios recusam abandonar as terras, enfrentando pressões para o fazermos, inclusive com assassinatos e prisões das mulheres que resolvem enfrentar a situação. Suas mulheres são obrigadas a prostituírem-se em bordéis de estrada. Na sede do Posto da FUNAI existem apenas três índios enquanto que trezentos estão alojados nos municípios vizinhos.

Os pataxós representam, sua saga, a tragédia do índio silenteiro, que se vê a cada dia ameaçado pelo avanço extrarregional da sociedade nacional, e por paradoxal que seja, ainda aprendeu a respeitá-lo como humano. Para isso, basta apenas praticar o ideal do Marechal Rondon: “Morrer, se preciso for; lutar nunca”.

DO ÍNDIO?